

Identidade Nacional Tripartida em "Utopia Selvagem", de Darcy Ribeiro

Wellington Freire Machado*
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Índice

1 Antropofagia	2
2 A Identidade em Posição de Xeque	5
3 A Identidade Tripartida	7
Conclusão	8
Referências	8
Anexo	11

“**U**TOPIA SELVAGEM: saudades da inocência perdida, uma fábula” é um romance escrito pelo antropólogo Darcy Ribeiro e publicado no ano de 1982. Na história, são bastante perceptíveis os elementos constitutivos utilizados pelo autor na construção da mesma: as raças que estão na origem genética da civilização contemporânea, o mito e a desmitificação da identidade nacional. Valendo-se de uma linguagem despojada e enriquecida por conhecimentos de ordem variada, Darcy Ribeiro realiza um processo de desconstrução de esterótipos nacionais. Desse modo, neste artigo analisar-se-ão questões pertinentes a reconstrução do próprio brasileiro no universo ficcional criado pelo autor. Relativo ao processo de construção identitária brasileira, Alberto Luiz Schneider, afirma em "Sélvio Romero, hermeneuta do Brasil" que:

*Mestrando do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande.

As nações fabricaram seus mitos identitários. O Brasil não escapou à regra: ao contrário, inseriu-se fortemente no paradoxo de um projeto internacional das nações modernas, formadas depois da Revolução Francesa. Esse projeto produziu nacionalismos equivalentes entre si, mas tomados como traços distintivos, exclusivos e irredutíveis. O século XIX inventava um passado para a jovem nação brasileira: era preciso demonstrar como ela se originava na noite dos tempos, específica, generosa, heróica, nacional. (SCHNEIDER, 2005:11)

Logo, o processo de construção da identidade nacional, tão presente na mentalidade do século XIX, mostrou-se presente principalmente na literatura brasileira a partir do projeto nacionalista do Romantismo, que visava a construção da identidade a partir da figura do índio, algo que pode ser compreendido como o desejo de formular uma mitologia local, que fornecesse à recente nacionalidade uma imagem épica de si mesma vinculada a um passado não vinculado a identidade européia.¹ Assim, na busca incessante de uma identidade genuinamente brasileira através da idealização de um homem naturalmente bom – tanto como no ideal concebido por Jean Jacques Rousseau –, tornou por atrelar ao índio imaginado por românticos como Gonçalves Dias e José de Alencar (ambos autores tidos como concretizadores do projeto nacionalista outrora iniciado por Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, Torres-Homem e outros), características mitológicas tão heróicas quanto as que foram atribuídas ao cavaleiro medieval europeu. Ademais, a bondade inata, a inocência decorrente da inexistência do contato estabelecido com o homem branco e o heroísmo do combatente guerreiro nato foram a pedra fundamental instaurada na justificativa imaginada principalmente na leva de histórias criadas dentro da estética romântica.

1 Antropofagia

As gentes estranhas que Colombo e Américo viram viraram colombianos, americanos e bolivianos além de abrasados e prateados e até equatorianos. (...) Esgotados e enjoados

¹ Cf. ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. p.44.

do esforço de simular ser quem não somos, aprendemos, afinal, a lavar os olhos e compor espelhos para ver. Neles nossa figura surge debuxada no Guesa, em Macunaíma e, sobretudo, no Grito Antropofágico:

- Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.
- O instinto Caraíba. Catiti. Catiti.
- Já tínhamos o comunismo. Catiti. Catiti.
- A alegria é a prova dos nove.
- No matriarcado de Pindorama. Catiti. Catiti. (RIBEIRO, 1982:33)

Aqui uma explícita alusão à miscigenação dos povos: desde a figura do colonizador advindo de outro hemisfério: é na mistura do sangue dos índios nativos com o europeu que surge o novo homem: o colombiano, o americano, o equatoriano, o brasileiro. Neste recorte, relação direta a manifestação artística brasileira do século passado teorizada pelo poeta Oswald de Andrade, que pensou a questão do ser: Quem somos, afinal? Neste aspecto, o processo de deglutição do outro, de absorção de valores e costumes estranhos a nossa própria origem foram o fio condutor pelo qual Oswald guiou toda a sua crítica relativa a essa revisão dos valores outrora concebidos.

Ainda no capítulo intitulado “Sururucagem”, em que o narrador discorre sobre o novo ofício de “sururucador oficial” do então tenente do exército Carvalhal (convertido em Pitum a partir do momento em que fora seqüestrado pelas amazonas), a abordagem do processo de absorção da própria carne humana, uma ironia por parte do narrador onisciente – que em distintos momentos interrompe a narrativa para dar a sua opinião em relação a determinados assuntos oportunos ao que está sendo contado relativo à aventura de Pitum na tribo das Amazonas –. Reproduz o possível canto de um suposto beato que reverencia o pão, a comida e o divino manjar, menção explícita a história do bispo Sardinha literalmente comido pelos índios Caetés (aqui outra distinção entre o ato canibal de comer o inimigo por parte do homem primitivo e a incorporação inconsciente dos hábitos e costumes deste mesmo in-

imigo por parte do homem dito civilizado durante o processo chamado antropofagia).

E é na tribo das amazonas em que ocorre então a grande relação do microcosmo criado por Darcy Ribeiro com a antropofagia constatada por Oswald de Andrade: Pitum é o único homem na tribo das “mulheres machas” (como assim se refere a elas o narrador da história): O fato destas guerreiras serem seres masculinizados tanto nos seus hábitos como nas suas atitudes, é o que feminiza Pitum. Neste aspecto há uma inversão de papéis: Mesmo Pitum assumindo o papel de único fornecedor oficial da tribo ao copular uma amazona diferente por noite, ele é o único ser que possui características femininas – pelo menos em relação à concepção ocidental de mulher da época – entre todos os seres viventes nesta sociedade másculo-feminina. Isso ocorre porque Pitum, na sua inegável condição de ser naturalmente raro, torna-se como um bibelô para as índias: elas caçam, ele come; elas o protegem, elas o dão banho, elas o mimam, convertendo-o em um objeto meramente sexual: Não há qualquer resquício de propriedades masculinas relativo a funções que Pitum poderia vir a realizar enquanto ser funcional naquele ambiente social – excetuando evidentemente a sua condição de reprodutor –. Neste aspecto percebe-se um processo de transição: Na sua vida pré-Pitum, enquanto tenente Carvalhal, o mesmo homem era um sujeito de uma sociedade em que o homem trabalhava e desempenhava funções particulares a figura masculina. Após o inesperado seqüestro, a sua condição de macho foi o fator o qual lhe atribuiu propriedades comuns a donas de casa. Relativo ao papel, a condição dada às amazonas é que a antropofagia se concretiza: Elas pertencem a um tempo mítico, bastante semelhante à idéia que se tem relativa a pré-história: é um período aglutinador do elemento oposto, masculino, tornando-se mais fortes tanto física quanto espiritualmente². É a exata absorção das características pré-adâmicas do homem do tempo das cavernas: a concepção feminina idealizada do índio e da própria mulher indígena – outrora tão ficcionalmente imaginada pelos românticos – caem na obra de Ribeiro por terra, ao passo em que se pode perceber a própria alusão realizada pelo título “Saudades de uma inocência perdida”. A inocência a que se refere pode ser relativa a diversos aspectos (ideológico ou

² Cf ALMEIDA, Alexandra Vieira de. A desconstrução da identidade nacional em Utopia Selvagem, de Darcy Ribeiro.

até mesmo a própria inocência de Pitum), mas em relação às amazonas objetivamente direcionada a questão da identidade nacional e da idealização da figura do indígena: seria toda índia virgem como Iracema, a virgem dos lábios de mel? Evidente que aqui se trata de guerreiras – mas ainda assim indígenas – com características masculinas, inclusive a promiscuidade tão atribuída à figura do homem. Outra analogia diz respeito à relação da obra com Macunaíma, com quem Ribeiro estreita laços a partir da trajetória de Pitum, bastante semelhante a de Macunaíma.³ Para Bernd (1992:51 apud SILVEIRA:01), “a fábula, de Darcy Ribeiro, dá continuidade ao doído lamento de Macunaíma diante da inocência perdida”. É a relação do neutro com o que já está consolidado: a inconformada vida de Pitum curvando-se ao ritmo que a vida o leva; a ausência de qualquer caráter – bom ou ruim – do herói de Macunaíma, que obstinado traça um longo caminho em busca da sua tão sonhada muiiraquitã, razão pela qual decepção-se com o mundo dos homens. Nota-se aqui a relação dos protagonistas com o cosmos, concretizado nos limítrofes cerceantes as tribos em que ambos estão inseridos.

2 A Identidade em Posição de Xeque

Ao analisar o *modus operandi* de Darcy Ribeiro enquanto autor de *Utopia Selvagem* é possível perceber a junção do étnico na composição da rapsódia protagonizada por Pitum na terra das Icamíabas: é a questão identitária que compõe a história: é na identidade étnica dos personagens que está centrado o grande mote que designa os caminhos assumidos por estes personagens. Pitum é o personagem que mais sofre com o processo de mutação: É um negro gaúcho da cidade de Pelotas – aqui mais um irônico rompimento: o pelotense que na cultura popular é tido como indivíduo com tendências homossexuais, aqui se converte em um grande reprodutor, com indubitável sexualidade e desejo pelo sexo oposto – , que se transforma em índio: é o processo de transmutação: de negro a índio

Nao deixavam nascer pentelhos no preto. Nem o pelame do
sovaco escapou. Na moda delas isto e nojo inadmissivel.

³ Cf. SILVEIRA. Carla Edila Santos da Rosa. A brasilidade e a identidade latino-americana em utopia selvagem.

Não tendo, de nascença, pintelame nenhum no corpo, não querem também nenhum fio nele.– Nisso são impossíveis. Arrancam pela raiz um a um e ainda passam cinza quente ni mim para não nascer mais. (RIBEIRO, 1982:19)

Não fosse suficiente raspá-lo para que não expusesse nenhum traço fenotípico daquilo que se originara da sua genética afro, as Icamíabas faziam de Pitum tudo o que queriam: alisavam seu cabelo com urucum e faziam com que o negro permanecesse sempre desnudo, com coité na cabeça e com o corpo pintado. Na Sequência talvez um dos trechos mais explícitos relativo a questão que conduz a ação da obra de Ribeiro:

Nosso enigma é muitíssimo mais complicado. Começa com a tenebrosa invasão civilizadora. Mil povos únicos, saídos virgens da mão do Criador, com suas mil caras e falas próprias, são dissolvidos no tacho com milhões de pituns, para fundar a Nova Roma multitudinária. (...) – Quem somos nós? Nós mesmos? Eles? Ninguém? (...) – Quem somos nós, se não somos europeus, nem somos índios, senão uma espécie intermediária, entre aborígenes e espanhóis? (RIBEIRO, 1982:32)

Ora, aqui o que se tem é o Pitum que se indianiza. E se os homens de Pitum tivessem sido transportados para este universo mítico tal como o negro gaúcho o foi? Essa é uma questão que Pitum se faz a todo momento, pois não entende a razão de tanta selvageria por parte daquelas mulheres. Caso ocorresse esta possibilidade, haveria – por imposição da convivência – algo semelhante ao que ocorreu com Dom Quixote, de Miguel de Cervantes: a partir da convivência o cavaleiro andante se “sanchotizou”, e o inverso também ocorreu. É em um processo semelhante que ocorre a imposição cultural: gradualmente uma cultura vai tomando espaço sobre a outra, implantando – geralmente de modo radical e extremamente danoso para a parte dominada – seus próprios costumes sobre aqueles que estão em condição desfavorável. Neste aspecto, Pitum se encontrava em infinito desfavorecimento, pois era um entre uma população enorme.

3 A Identidade Tripartida

"Minha terceira novela, Utopia Selvagem, é uma espécie de fábula brincalhona, em que, parodiando textos clássicos e caricaturando posturas ideológicas, retrato o Brasil e a América Latina. (...) O melhor da minha Utopia é um capítulo orwelliano, que desenha o mundo do futuro regido pelas multinacionais. Impagável. Gosto também do último capítulo, escrito para ser filmado por Glauber, sobre a alucinação coletiva de um povo indígena pela força da ayahuasca, que se chama também santo-daime. Nas últimas páginas, a aldeia é uma ilha que sobrevoa o mundo e trava uma guerra contra o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, que atiram com seus canhões sobre ela. A aldeia inteira revida cagando na mão e jogando bosta nos milicos. (RIBEIRO, 1997:514/515)

A postura ideológica em "Utopia Selvagem" é caracterizada com estupidez na figura das monjas Uxa e Tivi, personagens bastante prototípicos que vivem na Galibia, uma tribo heterogênea composta por homens, mulheres e crianças. As duas monjas são de idades distintas: A mais nova é Tivi que se empenha em converter o chefe Calibã, que por sua vez não cansa em tentá-la. Já a mais velha é Uxa, sempre buscando confeccionar roupas para esconder os órgãos sexuais dos índios. Quando o então Pitum chega à aldeia dos Galibias, ele é prontamente reconhecido pelas monjas como um brasileiro nato, ainda que custem a admitir isso, pois Pitum é preto e só vem a ser reconhecido como compatriota de ambas as freiras quando o chefe Calibã as pressiona. No universo da tribo heterogênea, Uxa é o grande superego: repreende não só a natureza dos costumes indígenas, como também os costumes absorvidos por Pitu, a exemplo o fato do negro andar pelado. Outra questão evidente na obra é o fato das monjas despreverem um Brasil completamente idealizado aos índios, o que ligeiramente é desmistificado pelo novo-índio Pitum, agora chamado Orelhão. Em suma, as monjas representam a repressão do branco sobre o indígena, a imposição da cultura caucasiana sobre as demais etnias.

E é a partir da aparição das monjas que se fecha a tríade étnica que compõe a rapsódica aventura do negro Pitum dentro deste universo mítico concebido pelo autor.

Conclusão

O desfecho da história é tão inimaginável quanto o começo: passam-se alguns séculos e a condição existencial dos personagens envolvidos no enredo sofre uma nova mutação. Além disso, o espaço onde anteriormente vivia a tribo dos índios Galibis se transforma em uma ilha voadora. Note-se aqui mais um símbolo de isolamento: para o homem dito civilizado o selvagem está isolado do mundo, trancado em seus costumes. Contudo, ao transpor esta idéia a outro plano, pode-se conceber o homem subdesenvolvido tão alienado como nenhum outro animal irracional, fechado em uma bolha onde só tem olhos para si mesmo, para o domínio do outro. Dessa forma, metamorfoseado em formas animais, Orelhão (ex-Pitum, ex-tenente Carvalhal), as monjas e os índios seguem suas vidas em novas formas corpóreas, percebendo o mundo no vai-vém da ilha onde vivem: "A ilha sobe, mais e mais, sobe mais ainda pra todo mundo ver, lá de cima como o mundo é. Ou não é?" (RIBEIRO, 1982:199)

Outra atribuição possível ao movimento de deslocamento vertical da ilha voadora pode ser relativa ao processo de transição entre o tempo passado e o tempo presente: os personagens outrora alienados agora podem conhecer a realidade que está sob seus pés a partir de uma visão panorâmica do universo, pois têm uma visão superior a parte da venda que cega os olhos do homem que, em decorrência da sua inegável condição de sujeito social, é incapacitado de perceber o que realmente é. Logo, é importante salientar que a obra de Darcy Ribeiro, a partir de um processo de desconstrução, conduz o leitor a uma interpretação própria condicionada a revisão de valores socialmente estabelecidos.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. (2010) *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. Disponível em: www.fgv.br.

scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882010000100015&script=sci_arttext. Consultado a 24 de novembro de 2010.

ALMEIDA, Alexandra Vieira de. *A desconstrução da identidade nacional em Utopia Selvagem, de Darcy Ribeiro*. Disponível em: www.uff.br/congresso-assel-rio/catalogo/arquivos/pdf_individuais/comindividuais1.pdf. Consultado a 24 de novembro de 2010.

ANDRADE Oswald de. *Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.* (Revista de Antropofagia, Ano 1, No. 1, maio de 1928.) Disponível em: www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html. Consultado a 24 de novembro de 2010.

BERND, Zilá. (1992). *Literatura e identidade nacional*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade. apud SILVEIRA. Carla Edila Santos da Rosa. (2008) A brasilidade e a identidade latino-americana em Utopia Selvagem. In: Travessias. Cascavel: Unioeste.

CORRÊA, Mariana Resende. (2009) *Literatura brasileira: a crítica e a construção da identidade nacional*. Mafuá, Florianópolis, ano 7, n. 11, março 2009. Disponível em: www.mafua.ufsc.br/numero11/ensaios/correa.htm. Consultado a 24 de novembro de 2010.

RIBEIRO. Darcy. (1982) *Utopia Selvagem – Saudade da Inocência Perdida Uma Fábula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

—. (1997) *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.

RICARDO. Pablo Alexandre Gobira de Souza. *Utopia Selvagem, de Darcy Ribeiro e A idade da terra, de Glauber Rocha: o visível, as vozes e a antropofagia*. Dissertação de mestrado. Disponível em: www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-74QJUA/1/pablo_ag_souza_ricardo_disserta_o_final.pdf. Consultado a 24 de novembro de 2010.

SCHNEIDER. Alberto Luiz. (2005) *Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, Disponível em: books.google.com.

com/books?id=h5YTZHW4w_MC&pg. Consultado a 24 de novembro de 2010.

SILVEIRA, Carla Edila Santos da Rosa. (2008) *A brasilidade e a identidade latino-americana em utopia selvagem*. In: Travessias. Cascavel: Unioeste.

Anexo



Fotos descobertas no Museu do Índio em 2010: Todas clicadas pelo antropólogo Darcy Ribeiro durante sua visita nos anos 40 a tribos hoje extintas.⁴